



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

AMANDA ROQUE DE ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA *A COR DA TERNURA*, DE GENI
GUIMARÃES**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

AMANDA ROQUE DE ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA *A COR DA TERNURA*, DE GENI
GUIMARÃES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553r Andrade, Amanda Roque de.
A representação do negro na obra a cor da ternura, de Geni Guimarães [manuscrito] / Amanda Roque de Andrade. - 2019.
43 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Narrativa. 2. Geni Guimarães. 3. Representação do negro. I. Título
21. ed. CDD B869.9

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA A COR DA TERNURA, DE GENI
GUIMARÃES**

AMANDA ROQUE DE ANDRADE

Aprovada em: 05 de dezembro de 2019.

Vaneide Lima Silva

Prof.^a. Dr.^a. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Prof. Everton Gabriel Vieira de Sousa

Prof. Everton Gabriel Vieira de Sousa

Examinador Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e a todos aqueles que sofreram e sofrem preconceito por causa de sua **cor**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho e por nunca me abandonar, mesmo nos momentos que eu menos mereço.

A minha mãe, Francisca, pelos cuidados, pelo esforço que sempre teve para conseguir criar a mim e meus irmãos, pelo amor incondicional que eu sei que sente por mim e por sonhar junto comigo. És um exemplo de mãe.

Ao meu pai, Paulo Roberto (*in memoriam*), que intercede por mim lá de onde está. Por cada um de meus irmãos: Paloma, Romário Roberto, Felipe, Fernanda e Maria Paulina, por todo amor e apoio. Vocês são minha base. Agradeço de uma forma especial, a Paloma, minha irmã, por ter ficado todas as tardes em meu lugar no trabalho para que eu pudesse estudar. Sou eternamente grata a ti.

Gratidão a minha querida e eterna professora/orientadora, e agora grande amiga, Vaneide, a quem jamais irei esquecer. Por todo apoio, pelos ensinamentos e por muitas vezes parar de explicar os conteúdos e nos dedicar um momento de reflexão sobre a vida. Sua história é um exemplo e seu Ser é um espelho para o qual sem precisar dizer nada olhamos e vemos que, antes de ser um bom profissional, devemos ser grandes seres humanos. Obrigada por me apresentar a belíssima obra *A cor da ternura*. A leitura desta obra me tornou um ser humano melhor. Muito obrigada!

A todos os meus professores, por todos os ensinamentos. Entre eles quero destacar Vaneide e Maria Fernandes (Nêga), que, além de transmitirem o conhecimento, nos possibilitaram momentos como “A noite do vinho” (entre professores e alunos), ampliando, assim, nosso vínculo de amizade. Esse destaque também se estende à professora Carolina (Carol), que apesar do pouco tempo que passou entre nós, me permitiu construir uma linda amizade. Obrigada!

Agradeço, também, aos meus colegas, pelo companheirismo que vivemos cotidianamente. Foi muito bom tudo o que compartilhamos juntos.

Não poderia jamais deixar de destacar as minhas companheiras durante todo o curso, e hoje consideradas grandes amigas: Ana Beatriz (Bia), Ana Maria, Luana, Jaiana e Priscila. Foi muito bom tudo o que vivemos e aprendemos juntas. Obrigada meninas, por fazerem parte dessa história. Vocês moram no meu coração. Aqui quero lembrar, de forma singela, e ao mesmo tempo agradecida, a minha colega de

curso e amiga Ana Beatriz (Bia), pelo grande companheirismo que vivemos, por tantas tardes de sol à procura de carona para voltarmos para casa, mas sobretudo, pela irmandade que o curso nos permitiu construir. Obrigada!

Quero agradecer de maneira especial ao meu amigo, Irmão Neto, por tudo que me proporcionou durante todo tempo que passei no Câmpus e, principalmente, pela amizade. Em seu nome quero agradecer a todos os funcionários desta instituição, especialmente Sandra, que me aturou todo esse tempo, com sua mansidão e simplicidade de ser. Grata por tudo!

Não poderia deixar de mencionar meus patrões e amigos: Catarina e Carlos Eugênio, os quais muito contribuíram aos longos dos anos dedicados à graduação. Eles me liberavam todas as tardes (na hora do atendimento), durantes cinco (5) anos para que eu pudesse conseguir realizar esse sonho. Sei que deixava alguém me substituindo, mas, mesmo assim, não é qualquer pessoa que permitiria isso. Meu muito obrigada!

Gostaria de mencionar, ainda, uma pessoa que sempre me ajudou, não apenas na realização deste sonho, mas principalmente nos momentos que sempre precisei. A você, Érica Forte, sou grata por tantas coisas.

De coração grato, lembro dois amigos: Aldemir e Clarice, os quais me ajudaram muito durante o curso. Muito obrigada!

Quero deixar também a minha gratidão ao Padre Everton, por tantas vezes que, durante o curso, sempre que estava ou passava por Catolé do Rocha, lembrava de ligar para dar carona a mim e a Beatriz. Não conto as vezes que, mesmo com tantos afazeres, esperava terminarmos a aula para nos conduzir até Brejo do Cruz. Também sou grata, sobretudo, pelas orações. Muito obrigada! São nas simples coisas que devemos sempre ser gratos. O senhor também faz parte dessa história.

Para finalizar, registro o meu reconhecimento aos colegas e amigos do 3^a ano médio: Ana Paula, Wágner e Kaic, juntos formávamos o quarteto da turma. Obrigada por torcerem por mim até hoje. Enfim, minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desse sonho.

[...] há muito fazer-dizer, há muito de palavração. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem que temos do futuro que queremos. (Conceição Evaristo, 2006, p. 121 *apud* Oliveira, 2009)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 GENI GUIMARÃES: Vida e obra	11
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA	16
2.1 Sobre o negro na Literatura, o que diz a crítica?	19
2.2 E o negro na Literatura Infantil, o que acrescentar?	21
3 A MENINA NEGRA DE GENI GUIMARÃES: lendo <i>A cor da ternura</i> e discutindo a representação do negro na narrativa	23
3.1 Esmiuçando o enredo da narrativa	23
3.2 Identificando e caracterizando os personagens	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *A cor da ternura* (1998) de Geni Guimarães, procurando observar de que maneira o negro aparece representado na narrativa autobiográfica da autora. Desse modo, centraremos nossa atenção na construção do enredo e na apresentação dos principais personagens que estruturam a obra, buscando identificar as situações de discriminação sofridas pela protagonista da história e refletindo de que maneira esse sofrimento se estende aqueles que sofrem o preconceito racial. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, que busca apoio teórico na leitura de autores que discutem o negro na literatura, analisam a obra da autora e colaboram na fundamentação teórica desta pesquisa. Sendo assim, foram fundamentais as leituras França (2006), Oliveira (2003), França (1998), dentre outros estudos. A análise da obra demonstra que as situações de preconceito enfrentadas por Geni são superadas graças ao seu esforço pessoal, motivado pela ternura demonstrada por sua família, especialmente a figura paterna da menina negra que se torna uma professora comprometida e sensível aos sofrimentos vivenciados por seus descendentes.

Palavras-chave: Narrativa. Geni Guimarães. Representação do negro.

ABSTRACT

This work aims to analyze the narrative *The color of tenderness* (1998) by Geni Guimarães, seeking to observe how black appears represented in the author's autobiographical narrative. Thus, we will focus our attention on the construction of the plot and the presentation of the main characters that structure the work, seeking to identify the situations of discrimination suffered by the protagonist of the story and reflecting how this suffering extends to those who suffer racial prejudice. This is a bibliographic study, which seeks theoretical support in the reading of authors who discuss black in the literature, analyze the author's work and collaborate in the theoretical foundation of this research. Thus, the readings França (2006), Oliveira (2003), França (1998), among other studies, were fundamental. The analysis shows that the situations of prejudice faced by Geni are overcome thanks to her personal effort, motivated by the tenderness demonstrated by her family, especially the paternal figure of the black girl who becomes a committed teacher and sensitive to the sufferings experienced by their descendants.

Keywords: Narrative. Geni Guimarães. Representation of the negro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *A cor da ternura* (1998) de Geni Guimarães, procurando observar de que maneira o negro aparece representado na narrativa autobiográfica da autora. Desse modo, centraremos nossa atenção na construção do enredo e na apresentação dos principais personagens que estruturam a obra, buscando ressaltar as situações de discriminação sofridas pela protagonista da história e refletindo de que maneira esse sofrimento se estende aqueles que sofrem o preconceito racial. A obra em questão teve sua primeira publicação em 1989, mas a edição utilizada neste trabalho é a décima segunda, de 1998. Por isso, quando fizermos referência à obra, indicaremos essa data.

Considerando toda a forma de preconceito que se apresenta ao longo da narrativa, contribuindo, assim, para uma reflexão em torno dessa temática (uma vez que se faz necessário retomar o passado para refletir o presente e planejar o futuro da sociedade), a narrativa de Geni chama a atenção pela forma como a protagonista se coloca frente aos preconceitos e consegue superá-los com sabedoria e maturidade, além, é claro, de muita ternura, traços da personagem que despertaram o nosso interesse e serviram de motivação para a escolha dessa obra para realização desta pesquisa.

Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico. Segundo Lakatos e Marconi (2001) a intenção desse tipo de pesquisa é possibilitar o contato direto do pesquisador com aquilo que já foi dito ou estudado, nesse sentido, este trabalho busca apoio teórico na leitura de autores que discutem o negro na sociedade e na literatura, analisam a obra da autora e colaboram na metodologia de análise da narrativa selecionada para a realização desta pesquisa. Sendo assim, foram fundamentais as leituras de França (2006), Oliveira (2003), França (1998), dentre outros autores.

Quanto à estrutura do trabalho, organizamos a pesquisa em três momentos: inicialmente fazemos uma apresentação da biografia de Geni Guimarães, objetivando situar o leitor a respeito de sua vida, de maneira que se possa identificar, posteriormente, aspectos de sua vivência na obra em estudo, já que se trata de uma narrativa autobiográfica; no segundo momento, discutimos um pouco sobre a presença do negro na literatura, bem como refletimos acerca da

necessidade de se debater uma temática tão presente no seio da nossa sociedade que ainda discrimina e oprime pessoas por causa da diferença de sua cor; por fim, no terceiro momento, analisamos o livro de Geni Guimarães, procurando destacar as situações de discriminação por que passa a protagonista, sem deixar de ressaltar sua força e coragem na busca pela realização de seu sonho de querer ser professora. Ao final da narrativa, a protagonista se forma, tornando-se uma profissional de respeito, quebrando paradigmas e conquistando seu lugar na sociedade.

Esperamos que este trabalho suscite o conhecimento e a apreciação da narrativa de Geni Guimarães entre os professores da Educação Básica, notadamente os do Ensino Fundamental, que poderão, através dessa obra, ampliar o debate em torno do preconceito racial na escola, espaço ainda muito marcado por discriminação e opressão social.

1 GENI GUIMARÃES: Vida e obra

Conforme depoimento dado por Geni Mariano Guimarães, na apresentação do livro *A cor da ternura*, a escritora nasceu em 8 de setembro de 1947, numa fazenda chamada Vilas Boas, município de São Manoel, interior de São Paulo, no leito de uma família negra e pobre. Ainda criança, aos 5 anos de idade, mudou-se para outra fazenda juntamente com seus pais e irmãos, em Barra Bonita, e lá exerceu a profissão de professora.

Geni afirma que sempre gostou de ler muito e, bem antes de frequentar a escola oficial, “lia poesias e histórias em tudo quanto era livros, revistas e jornais que encontrava”. Ela conta que quando entrou para a escola, um professor comentou que ela era poeta e, vendo que era bom, assumiu por inteiro o privilégio do dom. Foi então que iniciou sua carreira de escritora.

Segundo informações colhidas no Portal de Literatura Afro-Brasileira, a autora declara que na adolescência colaborou com os jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, publicando contos, poemas e crônicas. Publicou seu primeiro livro no ano de 1979, sendo intitulado *Terceiro filho*, poemas da meninice e adolescência. *Da flor o afeto* foi lançado em 1981, já com poemas mais decisivos, seguros.

Ainda conforme informações da apresentação do livro, um pouco mais tarde, ao entrar em contato com a poesia negra, seus trabalhos ficaram mais definidos por motivos de identidade. Logo, em novembro de 1988, foi convidada a participar de vários eventos culturais, entre os quais a antologia *Schwarze Poesie*, Edition Diá, Alemanha Ocidental, e IV Bienal Nestlé de Literatura, que influíram para que fosse convidada pela secretaria da cultura de Colônia e mostrar seus trabalhos no projeto “As diferentes faces da América Latina – encontro com autores e diretores de cinemas brasileiros”.

No mesmo ano, a Fundação Nestlé, reconhecendo o valor do seu trabalho, publicou seu volume de contos *Leite do peito*, que se encontra na 2ª edição. No início dos anos 80, aproximou-se do grupo Quilombhoje e do debate em torno da literatura negra. Dedicou-se às questões sociais, principalmente no que se refere à afirmação da afro descendência.

No ano de 1998 publicou o livro *A cor da ternura*, em cuja capa a autora faz o seguinte pronunciamento:

Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças [...] tenho a pretensão de conscientizar e alertar, segundo a visão do poeta maior Drummond: “É preciso viver com os homens, é preciso não assassiná-los, é preciso ter mãos pálidas e anunciar.... (GUIMARÃES, 1998, capa do livro)

Certamente motivada por essa crença, Geni tenha buscado aquela menina da zona rural, com traumas, feridas e dores, mas também cheia de alegrias, força de superação e exemplo de vida para escrever o livro *A cor da ternura*, obra que recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen. Conforme admite a autora no fragmento acima, escrever para ela consiste num exercício emancipatório e o texto, conseqüentemente, uma forma de libertação. Nesse sentido, ao escrever, o seu maior propósito é libertar os seus ideais para não deixar sua voz ser silenciada. E anunciar fatos formados e deixados pelas ideologias da sociedade branca sobre o negro.

Saritah Barboza foi responsável pela ilustração de *A cor da ternura* e, ao final, na capa do livro, identificamos um pequeno depoimento onde ela fala de sua vivência e admiração por Geni. Apesar de sua participação ter sido apenas com a arte/ilustrações para a narrativa, a ilustradora afirma que foi de grande valia a realização desse processo de criação e “admiração” pela história de Geni. Acompanhemos o seu depoimento:

Aqui deixei tanto de mim, que me sinto personagem dele, como se fôssemos uma coisa só. Ele me traduz com a simplicidade e negritude que só pessoas como a Geni sabem viver plenamente. [...] - Geni, quando eu crescer, quero ser alguém assim: grande e maravilhosamente negra, como você. Que Oxalá continue a iluminar o seu caminho, e que ele seja só AXÉ.

Saritah Barboza traduz em breves e singelas palavras o quão gratificante foi ter participado da obra e, sobretudo, ter tido a oportunidade de poder ter apreciado e sentido através de um ser humano, como Geni, a importância de viver plenamente, mesmo diante das dificuldades que a vida apresenta.

A obra de Geni não é vasta, mas alguns trabalhos já foram realizados em torno de sua pequena e valorosa produção literária. Especificamente em torno de *A cor da ternura*, tivemos acesso a um interessante estudo de Luiz Fernando de França, que em sua dissertação “Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo”, faz um estudo comparativo entre

várias obras que abordam personagens negros, dentre as quais, a narrativa de Geni Guimarães, que é minuciosamente analisada por ele, explorando a estrutura do texto, destacando a importância da imaginação infantil na narrativa para crianças, enfim, explorando a fantasia literária nesta e em outras obras dedicadas ao público infantil.

Um dos aspectos contemplados no estudo de França (2006) diz respeito à maneira como a personagem encara os conflitos e preconceitos vivenciados durante toda sua trajetória, e que ao final consegue superar tudo, observe:

[...] A obra, além de romper em muito com as construções estereotipadas, também introduz uma nova ordem: enquanto objeto da arte literária, o negro não precisa ser menor, igual ou superior ao branco, precisa ser simplesmente humano, e, enquanto homem, deve ser explorado em toda sua complexidade. (FRANÇA, 2006, 121)

Este aspecto da obra é, sem dúvida, um dos mais atrativos da narrativa, que chama a atenção ainda pela afetividade com que a família é retratada na obra. França tem muita razão, o negro precisa ser visto e respeitado como ser humano, igual aos demais, devendo ser respeitado por sua capacidade, seus desejos e anseios, enfim, como ser humano.

Outro trabalho bastante elucidativo em torno da narrativa em questão é o artigo de Maxwilliam Domingues da Silva Lima, intitulado “Para além da cor: uma abordagem étnico racial na obra *A cor da ternura*”, no qual o autor destaca o papel formativo que a narrativa de Geni Guimarães é detentora. Observe:

[...] A partir da leitura e análise da obra em destaque, é possível refletir sobre um importante aspecto da educação para as relações étnico-raciais presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. (LIMA, 2015, p. 02)

Desse modo, fica evidenciado o caráter atual do livro de Guimarães, que busca desconstruir a maneira como o negro comparece na Literatura, especialmente a brasileira. Aliás, não nos esqueçamos de que a Literatura parte sempre de uma realidade e discute os problemas sociais de um determinado grupo social. No caso do preconceito racial, a autora em questão mostra em seu trabalho que o negro pode sim encontrar seu lugar na sociedade, deixando de lado a ideia de escória a

que essa classe sempre esteve relegada. Nesse aspecto, a narrativa é inovadora e quebra paradigmas sociais.

Destacando o momento em que a protagonista chega à escola, Lima (2015) chama a atenção para o caráter reprodutor dos comportamentos viciados e preconceituosos que este ambiente incorpora. Vejamos:

O ingresso de Geni no ambiente escolar é o momento em que os conflitos raciais são enfatizados, na obra. A escola é vista como reprodutora de práticas racistas vividas fora de seus muros e dependências. Onde ela se sente receosa em tudo e inferior aos colegas por ser a única negra em sua sala: 'quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo'. (LIMA, 2015, p. 6-7)

O olhar de sarcasmo e de desprezo com que a protagonista é “olhada” atinge em cheio a nossa sensibilidade, provocando uma comoção tão grande que atinge a nossa alma. E Lima tem razão, a escola reproduz de maneira cruel as práticas racistas que permeiam as relações sociais dentro e fora da escola, espaço que deveria ser de acolhimento e respeito à diversidade, cabendo aqui, o seguinte questionamento: que tipo de cidadania a escola está formando, ou, melhor dizendo, a escola forma verdadeiramente cidadãos?

Entende-se que Lima tem toda razão quando afirma que a narrativa de Guimarães deve ser tomada como ponto de partida para uma análise do negro na sociedade. Consideramos, assim como o crítico, indispensável suporte de leitura para uma discussão necessária e urgente. Veja a afirmação do crítico:

[...] colocamos o livro *A cor da ternura* como ponto de partida para a análise do negro em sociedade, onde este tem que vencer os obstáculos acima de sua condição étnico-racial impostos por uma sociedade segregadora que diferencia preto e branco muito mais que pobre e rico, nos mostrando assim que o preconceito é mais estabelecido sobre a cor de pele. (LIMA, 2015, p. 8)

Avaliamos como é mesquinha e desumana uma sociedade que se preocupa muito mais com a cor da pele do que com o grande abismo que separa pobres e ricos. Se ser pobre já é difícil em nossa sociedade, quando se é pobre e negro tudo fica ainda pior. Aquele que se alimenta desse tipo de preconceito costuma agir com muita crueldade, pois se coloca num pedestal de superioridade que chegar a ser desumano, uma vez que o negro passa a ser visto como algo sem valor. Como observa França (2006), desvestido de sua humanidade.

Outro estudo comparativo que contempla a narrativa de Guimarães é o de Maria Anória de Jesus Oliveira. Em artigo intitulado “Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil: Há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação”, essa autora coloca a obra de Geni Guimarães num nível bastante elevado, na medida em que compara *A cor da ternura* com obras de Ziraldo e Ana Maria Machado. Observemos o que afirma Oliveira (2003) sobre a narrativa de Guimarães:

[...] Dentre os dozes livros analisados, o que mais apresentou indícios inovadores foi *A cor da ternura*, de Geni Guimarães (1998), obra não aludida pela crítica literária infanto-juvenil vigente. Nesta narrativa se delinea com maestria o universo interior e exterior da protagonista Geni desde a infância, a adolescência e a vida adulta, desvelando-se seus conflitos existenciais, medos, angústias, discriminações sofridas em meio ao aconchego da afetuosa relação familiar, sob tênues fios da memória de uma menina que sente a vida com os ‘olhos de dentro’. (OLIVEIRA, 2003, p. 160)

Sendo assim, concordamos inteiramente quando Oliveira aponta a importância de obras como a de Guimarães no rol das leituras a serem oferecidas ao público infanto-juvenil e esta devendo ser inserida nas diretrizes curriculares ao Ensino da História e cultura Africana e Afro-Brasileira, justamente pela maneira como a autora retrata as situações de discriminação por que passa a protagonista, ou seja, com coragem e determinação, não sucumbindo, portanto, às pressões sociais, ao preconceito. A mediação da leitura dessa narrativa pode talvez provocar novas posturas e, conseqüentemente, nova maneira de olhar para o negro.

Outro aspecto levantado por Oliveira (2003) que consideramos muito importante diz respeito ao fato de que tem havido um grande êxito no aumento de obras divulgadas com personagens negros. Isso favorece o trabalho do professor em sala de aula na medida em que este tem a possibilidade de ter suportes variados para a leitura na formação dos estudantes em geral, sejam crianças ou jovens. Vejamos a seguir, uma breve discussão em torno do negro, mais especificamente da sua representação na Literatura, discussão que precede a nossa leitura em torno da narrativa de Geni Guimarães.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

De acordo com as diversas pesquisas e leituras feitas para melhor compreensão da trajetória da escravidão no Brasil e, principalmente, na literatura, percebe-se que não existem registros comprovando a chegada dos primeiros escravos negros ao país, porém, sabe-se que a escravidão foi um processo de longa duração criada precisamente pelos portugueses no Brasil colonial e tendo grandes apoios como suporte, dentre eles, a igreja, que foi e continua sendo uma instituição de grande influência.

Segundo Leite, em seu artigo intitulado “Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil”, no início da escravidão o negro era completamente dominado pelos brancos, apesar de ser minoria, pois eram as diferenças étnicas, ou seja, a cor da pele, que funcionavam como barreiras sociais. O autor mostra que o negro só era útil para a luta pesada, servindo exclusivamente como mão-de-obra. Observe como essa autora explica o processo de discriminação entre brancos e negros:

A histórica discriminação dos negros tem como fundamento a ideia de “raça”, segundo a qual existem diferenças naturais entre os seres humanos. A esse respeito Platão deixou suas impressões no quinto livro da República e, séculos depois, essa ideia de diferenças naturais entre os homens ressurgiu na Europa com a publicação, em 1859, de “A origem das espécies”, de Charles Darwin, na qual desenvolveu a teoria da seleção natural. Nos séculos que se seguem foram o tempo de invenção, (des)invenção e reinvenção do mito da raça. Hoje, através de estudos genéticos, sabemos que as diferenças entre humanos não passam de características físicas superficiais [...] (LEITE, 2017, p. 12)

Servindo exclusivamente como mão-de-obra, o negro representava objeto de riqueza para seus senhores, pois serviam de mercadoria que, em caso de necessidade, podia ser vendida, alugada, doada e leiloada, o que a autora caracteriza como uma prática “nefasta” e “desumana”, conforme percebemos a seguir:

A escravidão, uma nefasta prática de desumanização, coisificação e comercialização de pessoas, fora uma atividade bastante lucrativa, porém difícil de administrar [...] negros e negras eram capturados, amarrados e amontoados em armazéns, à espera dos navios que os trariam para o Novo Mundo. Como uma viagem entre a África e o Brasil era muito dispendiosa, esses humanos, vitimados pela mercadorização, permaneciam por vários dias trancados à espera da formação de um carregamento completo, para então serem transportados até o destino de sua escravização [...] (LEITE, 2017, p. 4)

A afirmação de Leite (2017) evidencia a maneira desumana com que os negros eram tratados, modo cruel que os coloca na condição de animais e, portanto, vítimas da tirania humana. Apesar de discutir a escravidão na modernidade, um artigo publicado em Cadernos PDE 2014 nos coloca a seguinte definição:

[...] A escravidão é um conceito conhecido no mundo todo como uma forma de trabalho forçado onde às liberdades individuais inexistem. É um sistema de trabalho que não sobrevive apenas da compra e da venda da mão de obra, por livre e espontânea vontade do trabalhador, como acontece no capitalismo, pelo contrário, na escravidão moderna o ser humano se transforma em objeto, propriedade de outro homem e suas vontades, desejos e liberdade são impossibilitadas de serem ouvidas ou realizadas. (CADERNOS PDE, 2014, p. 4-5)

Conforme define o fragmento acima, temos conhecimento de que a escravidão é realmente um conceito conhecido em todo o mundo e marca um capítulo bastante cruel na história da humanidade. Em terras brasileiras, os negros que aqui se tornaram escravos vinham em sua maioria da África e eram trazidos contra a própria vontade para a América para servirem aos senhores. Sem falar que, além de trabalharem na condição de explorados, eram diariamente humilhados e violentados pelos senhores aos quais pertenciam. Para eles, seu único papel era servir, ou seja, obedecer às ordens dos senhores, atuar na mão-de-obra.

Não há documentos precisos sobre a chegada dos primeiros escravos ao Brasil, mas, há registro de que, oficialmente, o desembarque se deu por volta de 1530, ou seja, século XVI, os quais eram designados para trabalharem na cana de açúcar. Com base no artigo dos Cadernos PDE (2014), vimos que a escravidão negra surgiu durante o século XVII e se estendeu entre os anos de 1700 e 1822, com o crescimento do tráfico negreiro. O fluxo de escravos trazidos da África para o Brasil tornou-se muito lucrativo, gerando assim um comércio, uma vez que os

senhores cada vez mais só pensavam em expandir seus negócios, visando sempre o lucro.

Vale salientar que nem todos os escravos eram obedientes às condições impostas por seus senhores/dominadores. Existiam aqueles que se revoltavam, demonstrando resistência e fugiam, formando rebeliões que representaram a revolta contra o modo como eram obrigados a viver: como animais, enfrentando os açoites, os maus tratos e toda sorte de violência praticada pelos senhores de escravos.

Mesmo após a abolição da escravatura, a violência contra os negros não se extingue, continua por anos a fio, impregnada na postura de senhores e senhoras escravocratas que se perpetua até hoje no comportamento ou pensamento de quem acha que o negro deve ocupar os campos das fazendas, as cozinhas das madames, os chãos das fábricas modernas.

Diante dessa realidade, França Neto (2008. p. 41) vem nos dizer:

Uma das principais características de todos os regimes escravocratas é a concessão, ao senhor, do direito privado de castigar fisicamente seu escravo, uma vez que tal castigo, de acordo com a visão da classe senhorial, faz-se necessário à ordem da sociedade e, portanto, é justo [...]

Neste sentido, o autor tem toda razão ao revelar que a sociedade é a responsável por toda e qualquer desumanização. Todavia, a escravidão só acontece a partir do momento em que damos o consentimento de nos permitirmos fazer algo. Ou seja, durante o regime escravocrata, os senhores viam a escravidão como um sistema necessário, pois atendia aos seus interesses, subjugando os negros ao regime de opressão.

Apesar de ter sido abolida há mais de 100 anos, se faz necessário não apagar de nossas memórias esse momento vergonhoso da nossa história e muito menos que o ignoremos, como algo sem importância. Pelo contrário, é preciso que o tomemos como objeto de reflexão e aprendizado, por suas consequências e, sobretudo, pelo risco que ainda oferece nas sociedades atuais. Pois a história permite conhecer o passado, compreender o presente e, por conseguinte dá a oportunidade de planejar o futuro que se almeja.

2.1 Sobre o negro na Literatura, o que diz a crítica?

Consideramos bastante pertinente a afirmação de França (1998) quando diz que parte significativa do que é hoje a cultura brasileira foi construída por negros e mestiços. Observe:

É dispensável dizer que parte significativa do que é hoje a cultura brasileira, melhor, do que é hoje o Brasil, foi construída por negros e mestiços. É igualmente dispensável asseverar que é redutor pensarmos a nossa história e os desdobramentos futuros da nossa sociedade sem uma reflexão apurada sobre o significado desse contributo. É menos verdade, contudo, que quando buscamos empreender essa reflexão, corremos sempre o risco de contaminá-la com uma série de noções prévias acerca dos indivíduos de raça negra, noções que há muito se instalaram na cultura nacional e que, muitas vezes, sem nos apercebermos, se fazem presentes no seio das nossas elaborações [...] (FRANÇA, 1998, p. 05)

Com efeito, fica evidente a importância dos indivíduos de raça negra na formação da nossa cultura nacional, os quais, aliás, foram sempre excluídos dos quadros da história da Literatura brasileira: do período colonial até o período oitocentista, os negros foram pouco mencionados, afirma França (1998). E quando chegavam a mencioná-los era de uma forma breve e desagradável. Especificamente no período colonial, nos escritos brasileiros, se verifica muito pouco a presença do negro. A este se dedicavam sucintas linhas:

Terminando o século XVIII, a presença dos negros e mulatos nos escritos produzidos em solo brasileiro era ainda insignificante. [...] Os escritos de José de Anchieta, Fernão Cardim, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Rocha Pinta, na prosa, e da escola mineira, na poesia, concederam espaço diminutivos aos negros e pardos. [...] Somente Gregório de Matos e Antonil não se mostraram indiferentes a esse fato numérico. [...] Foi preciso esperar pelo século seguinte para que uma tematização mais intensa da escravidão e do escravo tivesse lugar [...]. (FRANÇA, 1998, p. 32-33).

Corroborando essas afirmações acerca da pouca ausência do negro nos escritos do Brasil colonial, Duarte (2013, p. 01) reitera:

No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens,

versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores. Sendo o Brasil uma nação multiétnica de maioria afrodescendente, tal fato não deixa de intrigar e suscitar hipóteses em busca de seus contornos e motivações [...].

Conforme França já sinalizou, só no período oitocentista é que o negro conseguiu uma presença mais constante, se configurando na prosa de ficção brasileira: “É a partir de 1843 [...] foi nesse ano que Teixeira e Sousa publicou *A filha do pescador*, romance inaugural da nossa literatura [...]”. (FRANÇA, 1998, p. 69). Após essa publicação é que a temática do negro vai se expandindo, dando um pouco de vida e voz à raça negra. Mas essa presença desperta pouco interesse, conforme aponta França (1998, p. 84):

[...] se vários eram os traços que indicavam a presença do negro no dia-a-dia da cidade ficcional, pouco, muito pouco era o interesse despertado por essa presença. Tanto é assim que quase não é possível encontrar nas páginas dos romances descrições pormenorizadas sobre as atividades desenvolvidas por essa copiosa parcela da população [...] (FRANÇA, 1998, p. 84)

Obviamente esse desinteresse talvez se deva ao fato de que os negros retratados nas obras desenvolvem funções que não detinham poder, pois, em sua maioria, “carregavam pacotes, transportavam mercadorias, vendiam guloseimas, sucos, flores e outros produtos, atendiam como barbeiro e algumas vezes, chegavam mesmo a trabalhar num negócio próprio”. (FRANÇA, 1998, p. 85). Ainda de acordo com esse autor, o romance dessa época figurava como guia onde heroínas e heróis se confrontavam “com índoles más e viciosas” e o negro quase sempre ingressou nas fileiras do segundo grupo.

Os tipos negros criados por nossa literatura colonial e oitocentista ainda são bastante recorrentes no imaginário nacional, afirma França (1998). De um modo geral, podemos dizer que foi nas décadas do século XIX que a temática negra ganhou raízes mais profundas na literatura nacional, tendo como um dos fatores que colaboraram para isso o sentimentalismo antiescravista. Segundo França (1998), muitos foram os que se destacaram nesse contributo, dentre eles destacam-se Hipólito José da Costa, que ajudou na defesa do fim da escravidão. “Em 1836, dois anos antes da morte de José Bonifácio, o jovem Francisco de Sales Torres Homem

publica [...] estudo sobre as desvantagens econômicas da escravidão [...]”. (FRANÇA, 1998, p. 37), obra que contribui decisivamente para a expansão da temática negra em novas antologias. Cresce também o interesse de poetas em favor da ante escravatura, como bem exemplifica a obra do poeta baiano Castro Alves, responsável pelo “culminar da chamada poesia africana entre nós”. De acordo com França (1998, p. 47-48):

A década de 60 consolida em definitivo a presença do negro na poesia nacional. Não só em razão da estréia do poeta baiano Castro Alves, responsável pelo culminar da chamada *poesia africana* entre nós, mas também em virtude do aparecimento de alguns trabalhos, anteriores a essa estreia, que [...] vieram retirar a escravidão do rol dos temas poéticos francamente explorados [...].

No início do século XX a imagem do negro passa, então, a ser mais recorrente na Literatura. Especificamente no caso da Literatura Infantil, se observa que essa imagem passa a se configurar de uma forma diferente: o negro tem um maior reconhecimento por parte dos autores, aparecendo já em alguns textos como personagens principais, sendo, de certa forma, mais valorizados. Ampliemos um pouco mais essa questão no tópico a seguir.

2.2 E o negro na Literatura Infantil, o que acrescentar?

Como bem observa França (2006), a Literatura Infantil brasileira surge no cenário ocorrido nos últimos anos do século XIX, em decorrência do processo de civilização nacional. Com isso, os primeiros textos da produção literária, de início, serviram como intenção de apagar as marcas do passado da escravidão e ainda mais, eliminar elementos capazes de rebaixar a nação, com características inferiorizantes deixadas no inconsciente das pessoas.

Ainda segundo esse autor, a figura do negro ganha um grande destaque na Literatura Infantil a partir do século XX, observe:

Não há dúvida de que a literatura infantil contemporânea apresenta uma imagem positivada do negro. Contudo, as marcas de séculos de

inferiorização não podem ser apagadas em algumas décadas. Os estereótipos desfavoráveis e as imagens depreciativas ainda aparecem na literatura infantil porque o racismo ainda ronda a sociedade brasileira [...] (FRANÇA, 2006, p. 109).

De fato, o racismo ainda ronda a atual sociedade brasileira, por isso, obras como as de Geni Guimarães se fazem tão necessárias em sala de aula, principalmente porque apresentam uma representação positiva do negro em seu enredo. Além disso, é preciso também que haja uma sensibilização por parte dos educadores no sentido de refletirem e estarem alertas sobre as práticas racistas no contexto da escola, conforme sugere Oliveira (2003, p. 159):

Cabe, então, desvelar as *nuanças* do eurocentrismo curricular, estético e temático em nossas produções literárias, de modo a sinalizar caminhos plausíveis para a inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente preteridos. Mas para tanto é necessário que, em primeiro lugar, haja uma efetiva sensibilização e conscientização dos (as) educadores (as) quanto às práticas racistas, considerando as implicações destas para nação brasileira como um todo, e não só para a população negra e indígena [...].

No campo da Literatura, continua sendo urgente a crítica aos livros direcionados a crianças e jovens se quisermos não incorrer nas visões cheias de racismos e preconceitos que marcou nossa Literatura até bem pouco tempo. Como se tratam de leitores em formação, esse público precisa ter contato com obras de temáticas variadas que possam ampliar suas experiências de mundo.

Debater questões polêmicas e posturas preconceituosas é uma necessidade do momento atual, em que sinais de muita intolerância marcam o comportamento de muitas pessoas, sendo fundamental a leitura de textos e obras literárias que favoreçam a implementação deste debate. Além disso, não podemos esquecer que existe uma obrigatoriedade de inclusão da história e da cultura africana e afro-brasileira em todas as áreas, exigindo uma mudança de posturas no âmbito educacional, principalmente pelo nosso papel, enquanto educadores de Língua Portuguesa e, portanto mediadores de leitura. Por isso, reiteramos: temos em *A cor da ternura* uma excelente oportunidade de provocar essa reflexão. Conheçamos no tópico a seguir, seu enredo e sua reflexão em torno da representação do negro na obra.

3 A MENINA NEGRA DE GENI GUIMARÃES: lendo *A cor da ternura* e discutindo a representação do negro na narrativa

3.1 Esmiuçando o enredo da narrativa

A obra *A cor da ternura*, da escritora Geni Guimarães (1998), é um livro da contemporaneidade que apresenta como protagonista uma personagem negra, algo pouco encontrado ainda na literatura. A respeito dessa temática, podemos dizer que a obra aborda um assunto bastante impertinente no cenário crítico e político atual do país, e que ainda suscita a ampliação do debate em torno desta questão, uma vez que a sociedade brasileira continua discriminando pessoas por causa de sua cor ou condição social, fato que consideramos inaceitável.

Trata-se, portanto, de uma obra crítica e extremamente importante para tratar de assuntos racistas e preconceituosos, sobretudo nos espaços escolares, pois além de proporcionar uma reflexão, temos também uma história de superação. Do ponto de vista de sua estrutura, se encontra dividida em dez (10) capítulos, sendo eles assim intitulados: “Primeiras lembranças”; “Solidão de vozes”; “Afinidades: olhos de dentro”; “Viagens”; “Tempos escolares”; “Metamorfose”; “Alicerce”; “Mulher”; “Momentos cristalinos” e “Força flutuante”.

Geni Guimarães, além de ser a autora do livro é também a protagonista, uma vez que a mesma conta sua própria história, desde a infância até a vida adulta, numa linguagem simples e marcada pela ternura advinda de alguém que enfrentou diversas situações adversas por causa de sua cor e conseguiu superar as dores e situações de dificuldade.

Ao contar sua história, Geni Guimarães relembra três momentos de sua vida: quando criança, adolescente e vida adulta. Quando criança se apresenta como uma menina de uma doce ternura, amorosa, cuidadosa e um pouco ciumenta, mas que ao mesmo tempo carrega consigo uma auto rejeição por ser de cor negra, que se estende até sua vida adulta, mas ao final consegue superar.

Já entrando para adolescência Geni começa a ter sonhos e, em contato com outras pessoas, inclusive na própria escola, descobre muito sobre a escravidão, de como viviam os escravos. Ao tomar conhecimento dessa realidade, ela não deixa de a comparar com sua própria experiência. Com isso, toma consciência do quanto é difícil viver, principalmente, quando se é negra. Assim, Geni segue a vida e vai

ganhando maturidade. Se tornando adulta, começa a encarar a vida de forma diferente. Aprende, mesmo de forma dura, cheia de feridas e marcas, que tudo faz parte do viver e que viver é um desafio. Com essa compreensão, ela ergue a cabeça diante de tudo, lutando incansavelmente contra todos os preconceitos e rejeições para assim conseguir realizar seus sonhos.

Geni tinha um amor inexplicável pela mãe. Ainda criança, algumas vezes, chegou até a questioná-la sobre sua cor, porém, ao mesmo tempo arrependia-se e fingia está brincando para não deixá-la triste. A menina tinha um pai que a amava mais que tudo, e que nunca mediu esforços para vê-la feliz, além de irmãos cuidadosos e amorosos que sempre estavam presentes nos momentos difíceis de toda sua trajetória de vida. Foi sempre pensando neles, por eles - sua família - que Geni nunca desistiu, por mais duro que fosse, lutava incansavelmente contra todas as diversidades da vida.

Durante todo tempo de escolaridade até a chegada do tão grande e esperado dia, que foi o baile de sua formatura, identificamos os momentos que a personagem enfrenta as maiores dificuldades. Ou seja, ela era apelidada pelos colegas (ficando evidente o bullying que sofria na escola) e, inclusive, em alguns momentos, sua mãe deixava claro que por ela ser negra não podia ir de qualquer jeito para escola e não podia brigar com os colegas.

Geni, sendo um Ser em constante transformação, a cada dia aprendendo a se fortalecer, através de muito esforço, consegue se formar e acaba conseguindo ser uma professora substituta de uma escola, onde também recebeu vários olhares discriminatórios e preconceituosos, por ser negra. Mas isso não a abatia mais: ela encara esses olhares de cabeça erguida, pois se torna uma jovem-mulher digna que traz em si um grande exemplo de superação. Apesar de todas as aflições, desafios, medos e todas as adversidades sociais, consegue se realizar profissionalmente, como ser humano e, principalmente, o maior desejo, consegue orgulhar sua família.

3.2 Identificando e caracterizando os personagens

Conforme já afirmamos, a narrativa se desenvolve a partir da história da própria protagonista e gira em torno do seu núcleo familiar: Geni, uma menina negra e pobre, filha de um casal negro (nomes não mencionados), que tem como irmãos

Cecília, Cema, Arminda, Maria, Iraci, Dirceu e por último o Zezinho, (o caçula), por quem ela sentia ciúmes, pois antes toda atenção e cuidados eram dela e depois do nascimento do menino toda atenção passa a ser canalizada para ele.

A menina demonstra sofrer preconceitos desde a infância, mas o apoio, o colo, os cuidados e o afeto de todos da família a fortalecia e a encorajava a lutar e resistir às dificuldades que a vida lhe apresentava. Temos o retrato de uma menina que se torna uma mulher cheia de ternura e um coração transbordado de amor por sua família. Era por eles que ela lutava incansavelmente e enfrentava todos os preconceitos, pois nunca foi fácil.

Quando criança sempre conviveu mais aos cuidados da mãe, assim, o amor que sentia por ela era algo tão grandioso que nem Geni tinha noção da extensão deste amor. Era tão grande que ela necessitava de saber a todo instante a intensidade deste sentimento. Por isso, a todo tempo questionava:

- Mãe, a senhora gosta de mim?
 - Ué, claro que gosto, filha.
 - Que tamanho? – perguntava eu.
 Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo:
 - Assim.
 Eu voltava ao peito, fechava os olhos e mamava feliz.
 Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços. (GUIMARÃES, 1998, p. 09)

Com a chegada do Zezinho, seu mais novo irmão, o ciúme a consumia tanto que a menina sentia seu espaço sendo ocupado, seus gostos e vontades ficando em segundo plano:

Mas as coisas começaram a mudar. Era só eu querer mamar, ela se esquivava.
 - Cecília – dizia ela -, traga a garapa da menina.
 Outras vezes, era só eu botar a mão no decote do seu vestido, vinha a saída: uma bolacha caseira, uma goiaba, uma laranja ou qualquer outra guloseima para me tapear. (GUIMARÃES, 1998, 12)

Apesar de toda sua ingenuidade, afetividade e ternura, começava a surgir, depois da chegada de Zezinho, um ciúme muito forte, principalmente porque antes tinha tudo e a todos a todo tempo, mas depois do nascimento do irmãozinho tudo começou a mudar. Isso gerou certo sofrimento e a menina começa a achar que ninguém dava mais importância para ela, já que tudo agora girava em torno de Zezinho e se sobrasse algum tempo era que se lembravam dela. Por isso, sua irmã

Cecília, sempre amorosa, explicava: “- Vem cá. Vou te explicar direitinho. [...] Você já é mocinha, tem dente, pode comer de tudo, não é? Agora nenê não. Daí a mãe tem que guardar o leite pra ele. Entendeu?” (GUIMARÃES, 1998, p.13).

Porém, é notório que a menina se negava a compreender. Ela reclamava os cuidados da família, sobretudo da mãe, ao caçula:

[...] Desorganização total. Ordem da casa. Refeições e lavagem de roupas. Além do mais, era banho do Zezinho, chás do Zezinho, fraldas do Zezinho, choros do Zezinho. Zezinho, Zezinho, todo minuto, toda hora, todo dia, sempre. (GUIMARÃES, 1998, p. 23)

Desse modo, a menina cada vez mais se convencida de que estava ficando em segundo plano, que tudo para ela sempre era depois do Zezinho. O fato de ter que dividir o amor de todos da casa com o Zezinho não estava lhe fazendo bem e para chamar a atenção de todos, por desaforo, resolve se isolar:

[...] Os restos do tempo eram dados pra mim que não dava trabalho. Comida depois, banho depois. Tudo depois de tudo.
- Você é mocinha, pode esperar pra tomar banho.
- Você é grandinha, espera um pouco pra almoçar.
Por desaforo, deixei de ter desejos e fome. Só tinha vontade de dormir. Comecei a sentir frio a qualquer hora do dia e da noite. Frio se chovesse. Frio se fizesse calor. Em qualquer circunstancia, frio. (GUIMARÃES, 1998, p. 23-24)

Diante desta situação, a família inteira começa a ficar preocupada e resolve chamar a dona Chica espanhola (benzedeira) para saber o que a menina tinha. Logo, a Dona Chica diz que a mesma tinha lombriga aguda, visto que não estava conseguindo se alimentar e para isso precisava tomar alguns chás. Porém, não sabia Dona Chica que a doença era outra. Por isso, a menina se irrita e pensa:

Lombriga coisa nenhuma. Eu tinha era saudade. Saudade dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Do meu espaço para perguntar besteiras, como diziam eles. Dos olhares carinhosos. Da minha mãe dizendo “Descasca uma laranja pra menina, Deixa que eu penteio o cabelo dela, Mais coberta pra menina não sentir frio”... Lombriga o nariz de Dona Chica. Era saudade mesmo. (GUIMARÃES, 1998, p. 24)

Na sua ingenuidade, a menina não conseguia perceber que todos a amavam e põe em evidência o sentimento de exclusão que perpassa o coração de toda

criança que deixa de ter a atenção dos pais diante da chegada de um irmão mais novo. Mas todos se preocupavam com ela e o fato do Zezinho ser menor e ela ser “grandinha”, fazia com que todos voltassem os cuidados mais para ele. Só mais tarde, ao conhecer uma aranhinha (que a ensinara como de fato devemos olhar, não do modo que queremos, mas com os “olhos de dentro”) é que a pequena compreende que tudo eram coisas criadas em sua cabeça, por consequências do ciúme. Por isso, aranhinha lhe diz:

É. Você não repara no jeito dos outros gostarem. Ou melhor, repara, mas quer que gostar seja do seu modo. Cada um...
 - Ele nunca ligou pra mim. Isso eu reparei. Não é mentira.
 - E você, algum dia, ligou pra mim?
 - Eu?
 - É. Nunca ligou pra mim e eu sempre morei aqui. (GUIMARÃES, 1998, p. 29)

O diálogo com a aranha lhe mostra o quanto estava sendo imatura e a menina passa a entender e a olhar a vida de uma forma diferente e não do jeito que ela pensa. E a aranhinha continua:

[...] você é que nunca procurou saber direito dos olhos dos outros. Não é destes olhos que eu falo. É dos olhos de dentro.
 - Entendi. Mas eu sempre pensei que as outras pessoas e bichos nem soubessem desses olhos de que você fala [...] Bem, agora vou ligar pra você e pra ele. Mas ele não sabe brincar. E você, sabe? Brincar do quê?
 - Todo mundo sabe brincar. Até os grandes. Eu brinco de tanta coisa! De ver, de falar como as crianças, de gargalhar com os olhos, você sabe do que eu falo.
 - Sei. Nunca na vida pensei que você fosse tão sabida. Me ensinou num instantinho essas coisas de ver. (GUIMARÃES, 1998, p. 29,30)

Depois das palavras da aranha, Geni não só mudou suas atitudes com relação a sua família, como também começou a ver as pessoas e suas ações de forma diferente, com novos olhares, com os olhos de dentro. E, dessa forma, ela começa a ter afinidades com os bichos, algo que não conseguia ter com os humanos, pois ao menos, eles, os bichos, respondiam tudo que ela necessitava:

Bom mesmo foi ter amigos. Não amigos de pessoas paralelos, com os quais eu só podia falar coisa pensada e repensada para não assustar. Gostoso foi ter plenitude de voz e atitudes. Falar do que quisesse, ter resposta para tudo e acreditar que tudo era possível, o mundo simples e aberto. (GUIMARÃES, 1998, p. 32)

Dessa forma, Geni mostra que, ao contrário dos seres humanos, os bichos eram mais representativos para o seu crescimento (como ser humano), do que os próprios humanos, uma vez que eles, no lugar de direcioná-la de maneira que pudesse crescer, não só com as obrigações de costumes em que todos têm, mas como pessoa, de forma que fizesse entender como se viver. Além disso, a valorização dos animais na narrativa demonstra o teor de fantasia que permeia o livro. Sobre este aspecto, vale lembrar que este constitui um dos elementos que a Literatura voltada para crianças deve valorizar. Sendo assim, podemos dizer que a narrativa de Geni pode muito bem ser lida e apreciada pelo público infantil. Afinal, conforme declara Held (1980, p. 45), “a criança prolonga uma visão animista do mundo, que certamente existiu, mas que se torna então, conforme o caso, proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece”.

Essa convivência com seres irracionais parece nos revelar uma crítica aos relacionamentos egoístas que evidenciam pessoas incapazes de uma postura empática, ou seja, incapazes de se colocar no lugar do outro, no seu sofrimento, na sua dor, nos seus anseios, principalmente quando esse outro se encontra numa situação de marginalização. Nos relacionamentos familiares, como acontece com Geni, isso é bastante comum: recorrentemente os pais não dão espaço para que os filhos dêem passos mais largos. No caso de Geni, essa falta de oportunidade a deixava órfã de afinidades e crença:

Quando eu perguntava de que cor era o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul etc. não entendiam que eu queria saber do céu de dentro. Eu queria a polpa, que a casca era visível. Por isso foi que resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade. Ao contrário dos seres humanos, os animais se mostravam amigos e coerentes.

Aprendi a falar com eles. Imitava todo e qualquer pássaro da região. Tirava de letra toda as mensagens dos cães, gatos, cavalos, formigas, baratas etc. (GUIMARÃES, 1998, p. 35)

O depoimento da menina põe em questionamento a falta de diálogo entre os pares, mas, sobretudo, a falta de verdade e transparência nos relacionamentos. Se vive numa sociedade em que a falta de convívio é uma constante e a falta de afetividade vem sendo substituída por um aparelho de celular, um tablete, um computador. Não se partilha mais momentos de afeto e convívio social dentro e fora de casa. A sociedade capitalista caminha para um individualismo que desumaniza o

homem, desvestindo-o de sua essência e transformando em mera peça de consumo, coisificando-o.

Geni, ainda criança, tinha sonhos de mudar-se, viajar, mas não para longe de sua casa, nem muito menos de sua família. Através do seu mundo imaginário, ela tinha certeza de que conheceria cantos que não teve oportunidade de conhecer e talvez nem tivesse. Porém, para não preocupar sua família, pois quando ela tinha essas atitudes de falar com os animais, e se isolava das pessoas todos já imaginavam que ela estava com algum problema, ela resolve:

Caí em mim, porém. Nas conversas comigo, vi a impossibilidade de realizar tal sonho. Como explicar isso para minha mãe e obter a aprovação da família? O mínimo que ia acontecer era novamente aguentar a dona Chica, tomar chás e mais chás. Ver outra vez minha mãe chorando pelos cantos e eu atada da cabeça aos pés, doída e sem solução. Mandeí às favas meus planos. O negócio era mesmo morrer ao lado de todos os seres viventes. Alienei-me para inserir-me no contexto. Fiz amizades chegadas com a criançada da colônia. Queria aprender a chorar por causa de bonecas, rir à toa, andar grudada nas pernas dos adultos, mendigar balas de hortelã. Entrosei-me. Animais nem pensar. Ate ria quando uma criança mais imbecil metia chutes na barriga de algum cachorro que dormia nos lugares por onde ela devia passar. Deixei de ser e criar problemas. Tornei-me maria-vai-com-as-outras para qualquer lugar, fazer qualquer coisa [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 40-42)

O fragmento acima evidencia o amadurecimento da menina ao demonstrar preocupação com a mãe. Tal preocupação reflete a postura generosa com que a menina se posiciona junto aos seus familiares, neste caso, a mãe. Então, Geni, tentando se encaixar com as demais crianças, para não gerar problemas para a família, decide observar a brincadeira delas e encontra uma solução para seu problema:

As meninas montavam balanços e passavam horas indo e vindo no passeio pelos ares.
 - Vamos ver quem vai mais longe?
 - Primeiro eu.
 - Segundo – respondia alguém.
 Balançavam contando as idas, erguendo as pernas, soltando as mãos das cordas, criando e recriando para tornar mais emocionante a brincadeira. (GUIMARÃES, 1998, p. 42)

Ao observar todos os movimentos durante a brincadeira, ela vê uma forma de brincar de maneira que lhe daria prazer. Porém, percebe que cada criança tem um

tempo cronometrado para estar na brincadeira, e isso não era suficiente para conseguir viajar e conhecer todos os lugares desejados, por isso pensa:

Eu esperava minha vez. Não tinha pressa, nem me magoava se ficasse por ultimo. É que eu brincava de outra coisa. No balançar, eu ia para lugares que elas nem podiam imaginar que existiam e que poderiam conhecer. Quantas e quantas vezes fui para São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas etc. Mas eu ia e voltava logo, dentro do limite das balançadas propostas. Fazia tempo que eu andava querendo ir para Santos, porque ouvi o enfermeiro da fazenda contar para minha mãe que havia ido e que tudo tinha sido maravilhoso [...] Por tudo isso é que eu queria ir para Santos. Difícil, porém, esta viagem, porque viajar nas vinte balançadas não ia dar quase nada. Não queria ir, ver com os olhos e lamber com a testa. Queria descer, pisar areias, molhar o corpo, adoçar a boca com famoso sal. Para isso e mais alguma coisa inesperada, precisava, no mínimo, do dobro das balançadas [...]. (GUIMARÃES,1998. p. 42-43)

Observe que este fragmento põe em evidência o caráter fantasioso que maraca o comportamento de Geni menina, entregue ao ludismo da brincadeira no balanço. Lindo momento de ternura e poesia que perpassa a narrativa. Por consequência, sabendo que seria pouco o tempo e não era suficiente para fazer todo percurso que desejava, ela resolve fazer um trato com as demais crianças para conseguir conhecer tudo que almejava. De imediato lhe vem uma solução:

- Quem deixar eu balançar hoje as minhas vinte e as vinte dele, amanhã, depois e depois balança todas as minhas. Fico três dias sem balançar. E quem topar balança um montão.
 Varias crianças aceitaram o negócio. [...]. Sentei-me no balanço e iniciei a minha caminhada. Fechei os olhos para poder ver melhor o trajeto. (GUIMARÃES, 1998, p. 43)

Conforme verificamos, podemos dizer que chega a ser cruel o tratamento dispensado à Geni: as ofensas a magoam profundamente. Porém, a menina não retruca e não responde aos xingamentos que lhe são destinados, preferindo sofrer calada e engolir a dor que as palavras duras que lhe são proferidas provocam nela. “Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina”. Ou seja, já estava incutido no comportamento das crianças, fazendo parte da rotina deles. Portanto, os xingamentos se tornaram banais e as pessoas em geral passaram a incorporar isso como algo normal, cotidiano, “rotina”. Mas o desespero da menina sugere a dor que essa “rotina” provoca. Se ela sofre, outras crianças e jovens também sofrem e essa reflexão é que deve ser posta em prática, devendo ser discutida em casa, na escola, na sociedade.

A partir desse momento, a protagonista nos brinda com um lindo momento de fantasia, revelando a manifestação dos seus sonhos e desejos através do fluir da imaginação que marca esse fragmento da narrativa, observe:

Num instante, estava no centro da cidade. Vi os prédios onde as pessoas riam riso de rico nas janelas escancaradas, flores encolhidas nos jardins suspensos.

Senti fome e parei para dar uma beliscada. Comi pão de padreiro com mortadela, bebi garapa de cana. Não quis igualzinha às que eu estava acostumada a beber: água morna com açúcar. Descansei um pouco e rumei para a praia. Já ia botar o pé na água, quando lembrei que não se pode entrar nos rios com a barriga cheia. Sentei-me então.

Respirei profundamente para chamar o mar. Ele olhou-me ressabiado.

Pensou, pensou, decidiu atender ao meu pedido. Andou de cobra, preguiçoso e pesado. Senti certo medo. Tanto mistério na sua enormidade, tanta magia nas suas lendas! Tanta perfeição e sapiência no seu devolver à terra o que dela leva! Mas ele se chegou, humilde, forte e doce.

De afinidades fiquei plena e tomei liberdades.

- Muito prazer. Estou te amando.

- O prazer é...

Nisso um empurrão me jogou longe da praia.

Deparamo-nos neste fragmento com outro fantasioso devaneio da menina, que é despertada do seu sonho com um empurrão que a jogou longe da praia e ao mesmo tempo ofendida pelas demais crianças, observe:

- Ladrona! Você deu vinte, mais de vinte, e mais uma. Boneca de piche, cabelo de bom-bril! Pode ir embora! [...]. Todos começaram a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. Tudo bem. Mas e o mar esperando de boca escancarada? E as palavras suspensas na garganta do mestre?

De nada adiantaria eu argumentar. Não me deixariam voltar à praia, e, caso deixassem, eu nem saberia pedir desculpas ao mar pela falta de educação das minhas amigas. (GUIMARÃES, 1998, p. 43-46)

Os balanços da menina a levavam para vários lugares e com isso tudo que conhecia durante o passeio lhe dava vida, pois conseguia dialogar e se realizar, uma vez que sua dura realidade de falta de diálogo e respeito não lhe permitia viver, sonhar e se realizar. A menina é tirada de seu devaneio por meio de xingamentos que revelam o modo cruel com que se costuma tratar o negro: “boneca de piche”, “cabelo de bom-bril”. Mais cruel é quando a narradora afirma que essas são palavras de rotina, e são mesmo. A rotina dura e difícil de muitas crianças que são discriminadas por causa de sua cor e, por isso, sentem vergonha de si mesmas.

Quando certo dia a menina chega da escola e termina de almoçar, vai entregar a vasilha para sua mãe lavar e se depara com ela utilizando bom-bril para lavar as panelas e ao ver todo carvão sair dela, vem lhe a ideia:

A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparo e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.

Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água. [...]

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficariam as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens. (GUIMARÃES, 1998, p. 69)

Temos nesse fragmento a demonstração da auto rejeição que acomete Geni, cujo sofrimento não é só dela, mas de toda uma geração de negros que se sentem rejeitados, excluídos, discriminados por uma sociedade cruel e violenta. Nessa perspectiva, podemos dizer que a protagonista incorpora a dor e a rejeição de toda uma parcela da sociedade que oprime por causa da diferença de cor.

Inocência e desespero definem a reação de Geni ao tentar tirar “o negro” de sua pele. Ela também demonstra indignação ao começar escrever pornografias no “muro do tanque d'água” e talvez essa indignação a tenha motivado a lutar e não desanimar diante da vontade de realizar os seus sonhos. Esse momento talvez tenha servido para a menina entender que não tinha como se livrar do negro de sua cor e que isso não a diminuía enquanto ser humano. A consciência de sua descendência, de sua raça, talvez tenha sido tomada nesse instante, quando ela entende que precisa se aceitar como negra que era.

Entretanto, Geni era uma criança em constante transformação que, apesar do medo, dos deslizes da vida, sonhava e tinha uma linha de objetivos para vencer. Ela tinha consciência de que a trajetória não seria nada fácil, mas dentro dela existia uma força muito maior que as dificuldades que lhes eram apresentadas. Já adolescente, em conversa com o pai, questiona:

- Pai, o que mulher pode estudar?

- Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.

- Vou ser professora – falei num sopro.

Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias.

- Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. – Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta.
 - É. Pai. Eu vou ser professora.
 Queria que ele se esquecesse das durezas da vida. (GUIMARÃES, 1998, p. 72)

Geni sempre priorizou sua família acima de tudo e nunca mediu esforços para orgulhá-la. Para ela, eles, sua família, eram seu alicerce. Durante sua adolescência, procurava ao máximo ajudá-los. Seu pai trabalhava na lavoura e sempre que chegava em casa tinha o costume de sentar-se no degrau da porta até sair o jantar, enquanto isso preparava seus cigarros para fumar durante o dia. Um certo dia, ao chegar do trabalho, ele pediu para Geni buscar o rolo de fumo para que assim pudesse fazer seus cigarros, como de costume, e ao desembulhar o fumo se depara com a cara de Pelé no jornal do embrulho e daí lhe vem o pensamento e ressalta dizendo:

- Este sim teve sorte. Lê pra mim, filha.
 Fala devagar senão eu não decifro direito.
 Peguei o jornal e comecei a ler o comentário, que contava suas façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador. Muitas palavras eu não sabia o significado, mas adivinhava quando olhava no rosto do meu pai e ele soltava ameaças de risos, sem tirar o olho da mão trêmula que picava o fumo.
 Quando terminei a leitura, ele disse:
 - Benza Deus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não caber em si de orgulho. Vendo um filho assim, acho que a gente até se esquece das durezas da vida.
 Deu um suspiro comprido e acrescentou:
 - Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...
 Senti uma pena tão grande do meu velho [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 70-72)

Foi então que Geni decidiu ser professora, não só para sua própria realização, mas, principalmente, para realizar o sonho do pai, em ver uma filha formada. Assim, ela se torna adolescente e começa o ginásio.

Tendo iniciado essa fase dos seus estudos, era comum o pai de Geni esperá-la sair da escola para trazê-la e no caminhar falavam sobre a dureza de se conseguir formar um filho, principalmente, quando se é pobre. Um dia, ao fazer o trajeto da escola para casa, passa por eles o administrador e faz um comentário bastante desagradável:

- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

- É que eu não estou estudando ela pra mim

- disse meu pai. – É pra ela mesma.

O homem deu de ombros e saiu tão lentamente que quase ouviu ainda meu pai me segredando:

- Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter.

Sorriu, tomou minha mão e continuamos a caminhada. (GUIMARÃES, 1998, p. 73)

Esse fragmento denota toda ternura e amor que marca o comportamento de Geni diante do pai, personagem que encarna a força do povo negro, sendo o amor, portanto, o sentimento que norteia toda a narrativa: o amor pela família, o amor pela vida, por si mesmo, enfim, o amor que deve mover as relações, o amor que move o ser humano, ou, pelo menos, deveria mover. Engana-se o administrador quando diz “vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é na lavoura”. A força e a garra de Geni mostrou que ele estava enganado. Assim como muitas pessoas se enganam ao acreditar nisso, na ideia de que o lugar do negro e do pobre é limpar as cozinhas dos ricos e os chãos das fábricas. Ela demonstra não ser de “ferro”, até porque sofre muito ao longo da narrativa, sendo toda ternura. Sua força e coragem nos mostra que é possível com luta e amor enfrentar as durezas da vida, cheia de amarguras e dor.

A história de Geni deixa claro que a visão dominante do branco pode ser revertida e que a felicidade independe de raça, cor ou condição social. Sua experiência demonstra que a cor da pele não define o caráter das pessoas, nem muito menos faz delas uma pessoa superior ou inferior. Sua trajetória demonstra que é possível subverte um sistema social discriminador e cruel, desde que cada um se disponha a lutar e olhar para o outro com empatia e não com discriminação.

Em decorrência das respostas de seu pai para o administrador, Geni percebe no rosto dele muita felicidade e isso a deixava maravilhada, pois nunca viu seu pai tão feliz. Ao chegar em casa, todos percebem a mesma coisa e logo a emoção escapa e ela faz algo que espanta todos:

[...] dei um passo comprido e beijei a barriga da minha mãe. Diante do gesto incomum todos ficaram me olhando, meio jeito de espanto. Fiquei envergonhada e fingi que tirava, com a unha, uma casquinha de coisa nenhuma escondida entre os dentes do fundo. (GUIMARÃES, 1998, p.75)

A felicidade de sua família motiva Geni a seguir em frente, instigando-a a superar as durezas que a vida ia lhe apresentando desde a infância, passando pela adolescência, até chegar à vida adulta. Nesse período, já mais madura, sem mais tempo para as brincadeiras de roda ou mais uma viagem no balanço, ela se torna “mulher”. Observe como a própria narradora identifica essa mudança de fase:

la-se minha criança, deixando-me abobalhada e sonsa, sem tempo de mais um brincar de roda, mais uma viagem no balanço. Fiquei ali de boca aberta. Mulher, como me contaram. Apenas. Mulher, terminando o ginásio. Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido. Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte. Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos. Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado. Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos. Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel. (GUIMARÃES, 1998, p. 81)

Quando chega o grande e esperado dia, o momento cristalino, seu baile de formatura, que representa para toda família o momento mais feliz, uma vez que não era uma conquista somente de Geni, mas de todos, temos uma bela descrição dos preparativos:

Em casa conversamos e decidimos que todos da família estariam presentes. Discutimos o ter que calçar e vestir todo mundo adequadamente, como exigia a ocasião. Fizemos o balanço e, vendo a escassez do dinheiro, concordamos no seguinte: só compraríamos tudo novo para mim. Os outros só comprariam aquilo que não tivesse mesmo, de jeito nenhum. Por tanto, compramos roupa para um, sapato para outro e assim por diante. (GUIMARÃES, 1998, p. 82)

Na ocasião, todos bem vestidos, como manda o figurino, mas ao mesmo tempo nervosos. Chegaram ao local onde seria a cerimônia e se acomodam em seus respectivos lugares. E todos, ao verem Geni, o orgulho da família, começam a apreciá-la e ela, mesmo de longe, através um simples sorriso os encorajam:

Veza em quando, encorajava-os com um riso. Meu pai, ao lado da minha mãe, estava pleno, altivo, sereno. Com os olhos, acompanhava todos os meus movimentos, engolindo salivas de prazer. Minha mãe me bebia através dos ares do meu pai, que, embevecido, ajeitava a gola da camisa, propositalmente, me segredando que estava feliz. Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não se puderam conter só com as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas,

livres. Meus irmãos, contagiados, perderem a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu. [...]. Terminada a entrega dos certificados, fui convidada para discursar, por ter sido escolhida para oradora da turma. De novo, meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir, esqueceu a etiqueta, fez conchas com as mãos e envolveu as orelhas. As formalidades todas terminaram. Fui até eles para voltarmos juntos. Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso e passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal. (GUIMARÃES, 1998, p. 83-85)

Se toda família irradiava felicidade, Geni ainda mais, pela consciência do dever cumprido. Ao voltarem para casa, seu pai, muito feliz, diz brincando: “agora é que vocês vão rir”, conta ele feliz:

Ele, fingindo brincar de mágico, retirou os sapatos dos pés e nos mostrou: duas bexigas enormes desfiguravam seus calcanhares e algumas escoriações marcavam toda a região nos peitos dos pés. Fiquei extática. Tudo por mim, para mim. Toda aquela dor para me ver receber o certificado. Não me contive.
 - Perdão, Pai.
 - Perdão do que? Eu é que peço perdão.
 Imagine só... Esquecer de usar a meia. Já pensou se um dos seus amigos visse? Deus me livre te envergonhar!
 [...] - E quer saber de uma coisa? Se precisar, enfio de novo o desgraçado do sapato de Zé no pé, sem meia e tudo, e volto lá pra bater todas aquelas palmas de novo.
 Novamente a onda de riso encheu a sala [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 85-86)

Desse modo, uma das maiores conquistas se alcança na vida familiar, algo presente nos sonhos de Geni, porém, impossível aos olhos do pai. É por isso que essa realização se configura como algo “mágico” para o pai, inacreditável, ao ponto de até antes de dormir ele ter essa atitude:

[...] quando o vi procurando alguma coisa.
 - O senhor queria alguma coisa, pai?
 - Estou vendo onde foi que guardei o danado do diploma. Vou dormir com ele debaixo do travesseiro que é pra sonhar sonho bonito. (GUIMARÃES, 1998, p. 86)

Depois de ter concluído mais uma etapa de sua vida e com o diploma em mãos, Geni sai à procura de emprego e logo consegue ser professora substituta de uma escola para o ano todo. No entanto, no primeiro dia de aula, ao entrar no pátio da escola, recebe vários olhares discriminatórios, tanto por parte da direção como até mesmo das mães, que têm as seguintes reações:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência”. (GUIMARÃES, 1998, p. 87)

Apesar do nervosismo, intensificado por conta dessa situação, Geni não desanima e entra em sua sala de aula para proferir sua primeira aula, mas novamente se depara com mais uma situação desagradável:

Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados.
Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.
- Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente. (GUIMARÃES, 1998, p. 87)

Plena de si, consciente das adversidades já enfrentadas ao logo da vida, Geni nos revela uma demonstração de maturidade e superação: ao invés de ficar triste, abatida, e olhar com raiva para a menina, ela, numa demonstração de consciência de seu papel como educadora, prefere agir de maneira empática e escolhe valorizar a inocência da menina e fazê-la entender que a cor de uma pessoa diferente não era algo anormal, nem muito menos fazia com que fosse menor ou maior que qualquer outra. Que isso era algo criado dentro de cada um e posto na sociedade. Com esse pensamento, Geni resolve solucionar o impasse:

[...] a diretora, que, devido o policiamento chega na hora H. Contei-lhe o ocorrido e ela prontamente achou a solução.
- Não faz mal, eu a coloco na classe da outra professora de primeira. Reagi imediatamente. Acalmei-me e socorri-me
- Por favor. Deixe que possamos nos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.
A diretora aceitou minha proposta e saiu apressada.
Vi, então, que era muito pouco tempo para provar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir.
Eu precisava. Precisava por mim e por ela.
[...] assim prensada, fui até a hora do intervalo para o lanche, falando, falando. Olhava para classe, mas falava para ela. Inventei o primeiro dia de aula sonhado na minha infância conturbada.
Alegria de aprender, desenhar. Sabores gostosos dos lanches, brincadeiras e cantos brincados, cantados nas mentiras inocentes, quando sonhar era pensar que acontecia. [...] logo mais retornamos à sala de aula.
Ela sentou na minha cadeira, colocou seu material ao lado do meu. “Precisei” de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca. (GUIMARÃES, 1998, p. 90)

Evidencia-se neste momento a postura e a maturidade da grande educadora que Geni se tornou, ao querer mostrar à menina que a cor é só um detalhe, não define o caráter e o senso de humanidade que deve permear o relacionamento entre as pessoas. Talvez por isso, ao final, a criança se convence e demonstra respeito por Geni, veja:

[...] Ao término da aula, arrumou o material sem pressa. Percebi-a amarrando os passos e tentando ficar afastada das outras crianças. Alguma coisa tinha para dizer-me. Impacientei-me. Sabia que, fosse o que fosse, eram respostas às minhas perguntas indiretas. Decidiu a hora, segurou na minha saia e pediu: Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo cuida da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?
 - Adoro.
 - Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?
 - Obrigada.
 Combinamos
 - Até amanhã.
 - Até amanhã. (GUIMARÃES, 1998, p. 89-91).

Este “incidente” faz com que fique tudo claro para Geni: ela afirma com uma “nitidez nunca sentida”, que entende tudo que seu pai lhe ensinara, “nas suas palavras curtas, nas suas palavras decifradas na cartilha da existência”. (GUIMARÃES, 1998, p.93). Eis a grande lição de Geni, aprendida não no banco da escola, mas nas experiências que a vida proporciona. Daí sua conclusão final:

Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos. Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras. (GUIMARÃES, 1998, p.93)

A metáfora da “bagagem esfolada” apresenta a dimensão de sofrimento que marca a experiência de vida de Geni: dor/fratura exposta provocada pelo preconceito da sociedade que discrimina pessoas por causa de sua cor, provocando danos muitas vezes irreparáveis e cicatrizes que o tempo pode não apagar. Marcada pela dor, mas consciente de sua missão, “pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias”.

As palavras da protagonista deixam claro que é possível encontrar ternura em meio a dor. Durante toda a narrativa, essa ternura é representada pela figura paterna, que a conduz no caminho do sonho e da possibilidade de realização deste sonho. Sua família figura como seu porto seguro e motivação para sonhar e buscar ser feliz, lhe ensinando o sentido da palavra gratidão, por poder mostrar e ao mesmo tempo sentir que todos são iguais. Que a “cor” é apenas um detalhe presente nas pessoas. Portanto, deve ser falado e mostrado ao mundo.

As palavras do pai de Geni dispensam qualquer comentário, pois demonstram uma sabedoria que diploma nenhum qualifica. Ao mesmo tempo, evidenciam uma coragem e uma força de vontade de querer formar a filha que encanta e reitera a ternura que o personagem representa em toda a narrativa, justificando, inclusive, o título da história.

Eis a missão de Geni, autora protagonista que se vale da escrita, ou melhor, pelo “cordel das palavras”, para revelar e partilhar sua experiência, que serve de reflexão necessária e atual para as gerações de agora, deste tempo presente, que precisam conhecer a história de Nhá Rosária, a qual, segundo a narradora, é descrita como uma velha senhora negra, que morava com uma família de fazendeiros. Tinha em torno de “98 a 122” anos, assim diziam alguns, mas que nada sabiam sobre ela, pois não gostava de falar sobre. O bom era que ela contava histórias, e melhor, sabia da história da escravatura, algo que todos tinham curiosidade em saber, inclusive a Geni pois “a verdade é que, quando a Vó Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias.” (GUIMARÃES, 1998, 49)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Geni, protagonista da narrativa *A cor da ternura*, se apresenta como um suporte de leitura indispensável para a fomentação do debate em torno do negro na Literatura brasileira, podendo ser amplamente lido por crianças e jovens adolescentes. O enredo de uma menina pobre e negra mostra a força dessa raça que continua sendo desrespeitada e necessitando de uma atenção da sociedade no que respeita à garantia das leis que atualmente defendem essa população.

O relato poético de Geni Guimarães desconstrói a imagem do negro que vinha sendo retratada na Literatura até meados do século XX. Antes, o negro ocupava um lugar de espaço reduzido, sendo retratado de maneira pejorativa ou sem ocupar uma função de destaque nas obras. Na narrativa de Geni, a menina negra protagoniza a história e mostra sua força e sua garra, desmistificando a ideia de que o negro não tem lugar na sociedade. Geni conquista uma posição importante no enredo, pois torna-se professora, profissional importante que prepara para a vida e para a sociedade, rompendo, assim, com a imagem preconceituosa que se tem do negro.

Nesta perspectiva, a experiência da menina sensibiliza e desperta a reflexão em torno do lugar do negro na sociedade, melhor dizendo, em torno da maneira como tratamos a pessoa de cor que circula e se encontra inserida na seio da família, do trabalho, no centro da população brasileira, sendo um dos elementos responsáveis por nossa miscigenação. Geni alcança sua vez e sua voz, gritando para o mundo que o negro pode chegar aonde quiser. Para isso, a luta em favor da diminuição da dívida que o brasileiro detém sobre essa raça deve se intensificar e encontrar apoio entre aqueles que trabalham em prol de um mundo mais justo e, portanto, mais humano e menos desigual.

A luta de Geni nessa narrativa pode motivar os leitores a refletirem sobre a questão racial ainda bastante presente na sociedade atual. Nessa perspectiva, acreditamos que a leitura dessa narrativa pode contribuir para a realização do debate em torno da questão, promovendo a reflexão e a conscientização de que a diferença de cor reflete um atraso e evidencia a postura desumana e cruel de pessoas que agem com preconceito diante de seus semelhantes. Sendo assim, defendemos a sua utilização em sala de aula, bem como a realização de estudos

como este, que coloca em evidência a maneira serena e sensível com que a autora discute o preconceito de cor.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Elisalva Madruga. “A negritude nas literaturas angolana e brasileira”. In: SILVA, Márcia Tavares. & RODRIGUES, Etienne Mendes. (Orgs.). *Caminhos da Leitura Literária: propostas e perspectivas de um encontro*. Campina Grande: Bagagem, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. In: *Navegações*. Porto Alegre. V. 6, n. 2, p. 146-153. Jul./dez 2013.

EDUCAÇÃO, Secretaria de. “Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE”. *CADERNOS PDE*. Versão Online. Volume I, 2014.

FRANÇA, Jean M. Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção tudo é história: n. 151).

FRANÇA, Luiz Fernando de. *Personagens negros na literatura brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo*. Cuiabá. 2006.

FRANÇA NETO, João Irineu. *A representação da escravidão nos contos de Machado de Assis*. João pessoa. 2008.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustração: Saritah Barboza. 10 ed. São Paulo: FTD, 1997. (Coleção canto jovem).

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder : as crianças e a literatura fantástica*. Tradução: Carlos Dias. São Paulo: Summus, 1980.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. “Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil.” In: *Sankofa. Revista de história da África e de estudos da diáspora africana ano X. Nº XIX*, agosto/2017.

LIMA, Maxwilliam Domingues da Silva. *Para além da cor: Uma abordagem étnico racial na obra “A cor da ternura”*. Monografia de graduação. Guarabira. 2015.

LITERAFRO – O portal da literatura Afro-Brasileira. *Geni Guimarães*, 2019.
Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>.
Acesso em 26 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. “Personagens negros na literatura infanto-juvenil: há muito fazer dizer, há muito de palavra-ação”. In: SILVA, Márcia Tavares. & RODRIGUES, Etiene Mendes. (Orgs.). *Caminhos da Leitura Literária: Propostas e perspectivas de um encontro*. Campina Grande: Bagagem, 2009.